guia educativo

em tempos de opacidade

Obras do acervo do **MAC - Paraná**
Curadoria de **Roberta Stubs**

11 março à 6 maio de 2022

Local:
Centro de Ação Cultural - CAC
Av. XV de Novembro, 541
Maringá - PR

MARINGÁ
PREFEITURA
CULTURA

mac MUSEU DE **ARTE CONTEMPORÂNEA** DO PARANÁ

UEM Universidade Estadual de Maringá

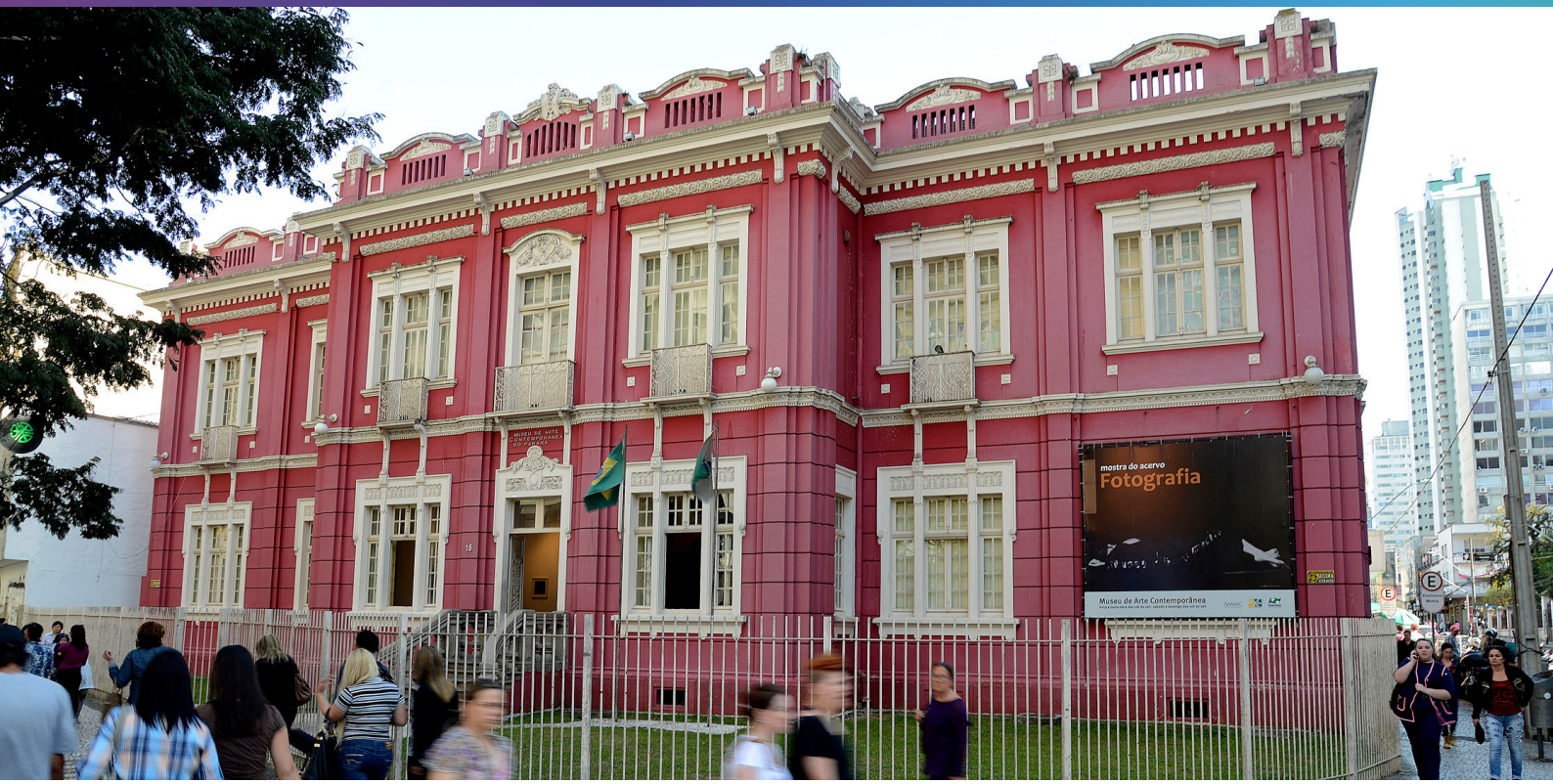
GUIA EDUCATIVO: VÓRTICES DE FORÇAS CRIATIVAS

Em tempos de Opacidades, Roberta Stubs visita o acervo do MAC-Paraná (Museu de Arte Contemporânea do Paraná) e, dentre as 1.800 obras pertencentes ao Estado, a curadora seleciona 16 artistas e cria uma narrativa visual e sensível que atravessa nosso olhar, sentidos e urgências.

São nos vórtices (blocos da exposição), que a escrita sensível de um tempo confuso se funde com nossa realidade, e, são nas forças criativas impulsionadas pelas artistas presentes na exposição, que mergulhamos numa tônica criativa para, além de ler, pensar e ver a curadoria, criar a partir da mesma.

É neste sentido que o educativo **Vórtices de Forças Criativas** fornece este material para, além de apresentar o MAC, o CAC – Centro de Ação Cultural, as obras da exposição, o olhar da curadora, ele também propõe fazer uma imersão na comunidade de estudantes, professoras, acadêmicas, visitantes outros, e ativar cada vórtice de “em tempos de opacidades” por meio do diálogo, das materialidades e das sensações.

CONHEÇA O MAC-PARANÁ: MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ



O Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR) foi fundado em 1970 com a finalidade de estimular e divulgar a criação artística contemporânea, além de abrigar e preservar um acervo de arte com cerca de 1.800 obras pertencente ao Estado. Desde então, realiza mostras do acervo e exposições individuais e coletivas de artistas contemporâneos.

Sua sede própria, localizada em Curitiba, capital do Estado, é um prédio de estilo eclético construído em 1928 e tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Atualmente, devido restauração do MAC, o mesmo se encontra temporariamente no MON – Museu Oscar Niemayer.

CONHEÇA O CAC: CENTRO DE AÇÃO CULTURAL DE MARINGÁ

Fundado em 1976, o Centro de Ação Cultural - CAC, unidade da Secretaria da Cultura do Município de Maringá, aos seus 42 anos, continua desenhando parte da história de nossa cidade.

Com a missão de integrar a comunidade na área artística cultural, para o fomento da criatividade, das habilidades e auto expressão e contribuir com o desenvolvimento cultural e sócio emocional do indivíduo, o CAC, com sua variedade de ações culturais, oferece cursos e oficinas gratuitas para a comunidade bem como apresenta exposições no térreo, em uma sala preparada para receber obras e artefatos.

GUIA EDUCATIVO: VÓRTICES DE FORÇAS CRIATIVAS

O material que disponibilizamos aqui tem o objetivo de ajudar você, educadora e educador, a realizar um trabalho completo com as pessoas ao visitar a exposição ou no estudo e análise da mesma.

Aqui estão reunidas informações sobre a exposição “em tempos de opacidades”, algumas sugestões de como introduzir as pessoas à experiência e ainda alguns caminhos para retomar na sala de aula, em oficinas ou diálogos, os temas e discussões trabalhados durante a visita mediada, estimulando também a ação criativa de quem estiver com você durante esse processo.

Neste material não determinamos uma faixa etária para a aplicação das questões disparadoras e das atividades – cabe ao professor, mediador e propositor traduzir as reflexões propostas aqui à dinâmica própria de cada turma, grupo ou pessoas, seja por meio da adaptação da linguagem ou do assunto, da escolha de materiais ou de conexões com matérias e conteúdos trabalhados anteriormente. Desse modo, as atividades podem ser realizadas individual ou coletivamente, e a elas podem ser acrescentadas outras ideias que estejam alinhadas ao trabalho pedagógico desenvolvido por cada um. Fique livre para fazer um remix deste material e pensar todas as possibilidades no desenvolvimento de seu trabalho!

SOBRE A EXPOSIÇÃO

A exposição “Em tempos de Opacidade” sob curadoria de Roberta Stubs traz, à cidade de Maringá/Paraná, um braço poético do acervo do MAC – Museu de Arte Paranaense. Ao acessar tal acervo, a curadora selecionou 16 obras de arte que construirão as narrativas de um corpo sensível, de frágil equilíbrio e em colapso, configurando, deste modo, os tempos de opacidades que estamos imersos.

Ao contextualizar e pensar as materialidades poéticas que a exposição constituirá, a Ativação Educativa, por meio do processo curatorial, funcionará como vórtices de forças criativas, constitutivo de diálogos e atividades práticas que se expandem desde a mostra até os campos de conhecimento como a escola, a universidade, a comunidade externa, as pessoas refugiadas, dissidentes, desobedientes de gênero, de religiosidades diferentes, entre outras.

A Ativação Educativa ofertará a formação de professores/as de arte da rede pública e no âmbito de formação de professoras de arte da UEM - Universidade Estadual de Maringá da região norte do Paraná, sendo a carga horária formativa, prática e de contato com a comunidade de até 30 horas.

Os encontros serão presenciais e se darão em três momentos: Laboratório nas Vórtices da Exposição (conversa com Curadoria, Educativo e Mediação – imersão teórica na exposição); Vórtices de Forças Criativas (Experimentação criativa a partir das obras selecionadas pelo Educativo para criação em arte, ou seja, uma atividade prática na área de fotografia, fotoperformance e vídeoperformance para professoras);

Posteriormente essas duas etapas formativas para as professoras, as mesmas irão formar suas turmas e ofertar atividades teórico práticas durante o mês de abril/2022 no espaço expositivo do CAC para grupos específicos, como: estrangeiros refugiados no Brasil e residentes em Maringá; idosos; estudantes da EJA – Educação de Jovens e Adultos; crianças da Educação Básica; jovens e adolescentes do Ensino Médio; acadêmicos e comunidade externa interessada nas oficinas da exposição.

Maddox - Cleberson Diego Gonçalves
Coordenador de Ações Formativas e Mediação

TEXTO DA CURADORIA:
EM TEMPOS DE OPACIDADE

Crises, disputas, avanços e retrocessos. Que tempos são esses que nos desafiam a seguir lutando, apesar do luto? É para a complexidade do presente que lançaremos luz nessa exposição. Gesto que já se destina a falhar, pois o que vemos e o que nos atravessa expressa-se muito mais como nuvem de opacidade que oblitera nossas certezas. É sem pretensões de totalidade que o arranjo curatorial aqui apresentado se propõe a criar clarões. Bolsões luminosos que revelem campos de tensão nos quais presente, passado e futuro se encontram na encruzilhada do agora.

Selecionadas a partir do acesso ao acervo do MAC-Pr, principal museu de arte contemporânea do Estado do Paraná, 16 obras de artistas de diferentes gerações e regiões do Brasil desenham modos possíveis de atravessar a espessura do presente. Pensada em 3 vórtices de forças abertas e intercambiáveis, os trabalhos aqui reunidos forjam um campo de sentido e sensibilidade que fundam modos de significar e vibrar. Constituem erupções artísticas que questionam os limites de nosso tempo e instauram frestas pelas quais podemos nos mover. Fraturam nossas certezas e abrem fossos para perguntas que precisam ser feitas: Como resistir às forças que tentam nos calar e sufocar? Como manter o corpo vivo e inventar desvios que comportem transbordamentos? Como fabular futuros?

Tempos transversos sintetiza o furor do primeiro vórtice dessa exposição. Transver se torna operação para gerar descompassos na ilusão das aparências. Faz ver o avesso de um discurso político que colapsa na medida em que transparece o jogo omisso que o sustêm. Armas de brinquedo e a ferrugem que toma o tecido de um lençol feito bandeira redimensionam o potencial corrosivo de um governo/política que com ferro, fere.

No segundo vórtice, adentramos numa zona de tensão e vulnerabilidade. Um frágil equilíbrio parece amparar a linha tênue que sustenta uma ficção política forjada para domesticar curvas. Diferentes pesos e medidas se equilibram

numa estabilidade em eminência de queda. Pedra, vidro e ferro escalam uma equação que oxida a transparência da incerteza.

Como uma fala inacabada, o terceiro vórtice insurge enquanto corpo sensível, exposto e, acima de tudo, vivo. Com os poros em flor somos tragados pelo turbilhão da experiência do presente. Em comunhão, o avesso da pele fica a mostra e espasmos de um grito mudo quebra a barreira do silêncio na propulsão de movimentos aberrantes.

Se em tempos de opacidades a perspectiva de imaginar horizontes nos é subtraída, as confluências e fricções entre os trabalhos aqui reunidos se mostram como força motriz de complexidades e cintilâncias para tatear um presente que não é dado à simplificações.

Roberta Stubs - Curadora

VÓRTICES:
ÍNDICE DE OBRAS

I – TEMPOS TRANSVERSOS

Tempos transversos II - Guita Soifer
As cruzadas – Eliane Prolik
Catálogo – Brinquedos – Dulce Osinski
Ferro Fere – Carlos Augusto da Silva Zilio
...e então eles se esconderam - Cleverson Salvaro

II – FRÁGIL EQUILIBRIO

Sem título – Marcos Chaves
Nadir # 8 – Túlio Brasília Pinto
Aparato para domesticar curvas - Eduardo Luiz de Freitas
Art book - Bruno Moreschi

III – FALA INACABADA

Frotagem (Fala inacabada) – Elida Tessler
Perfil triste – Vânia Mignone
Batista Comunhão I, II, III – Rodrigo Batista Braga
Sedimentum - Ivens de Jesus Fontoura
Costura da nuvem – Marcello Nitsche
Sem título - Amilcar Augusto Pereira de Castro
Prefiro Ficar com Você - Antonio Alves Dias

VÓRTICE I:
TEMPOS TRANSVERSOS

Em tempos transversos, umas das vórtices da exposição, a curadora selecionou 05 obras, sendo as artistas: Guita Soifer (2008), Eliane Prolik (2004), Dulce Osinski (2002), Carlos Augusto da Silva Zilio (1973) e Cleverson Salvaro (2001). Todas as obras são constituídas de materialidades diferentes, são experimentações estéticas que sugerem pensarmos sobre o tempo em que vivemos e a forma como as demandas políticas, sociais, culturais e urgentes atravessam nossa vida. As materialidades como brinquedos, fotografias, fita de plástico, metais, tesourinhas, tinta óleo sobre tela, entre outros detalhes que colaboram para a construção narrativa e visual nas opacidades.

Para ativar a vórtice “tempos transversos”, selecionamos uma obra e um artista para realizarmos essa imersão no imaginário e na carne de nossos corpos tensos e vulneráveis frente a vida, aos sonhos e desejos, tanto individuais

quanto coletivos. Neste sentido, a artista Dulce Osinski (2002) foi pensada como eixo disparador dos tempos transversos neste educativo.

SOBRE A ARTISTA DE TEMPOS TRANSVERSOS

Dulce Regina Baggio Osinski nasceu na cidade de Irati no Estado do Paraná em 1962. Vive e trabalha em Curitiba, Paraná. Pintora, desenhista, gravadora, professora e escritora. Na década de 1980, cursou bacharelado em Pintura na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), em Curitiba. Entre 1985 e 1987, fez estágio, dentro do programa de pós-graduação, na Academia de Belas Artes de Cracóvia, na Polônia. De volta ao Brasil no final da década de 1980, atuou como orientadora das Oficinas de Gravura em Metal do Solar do Barão de 1988 a 1991. E passou a lecionar na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). Em 1995 estudou arte educação na Universidade do Tennessee em Chattanooga, EUA. Realizou seu mestrado em Educação de 1995 a 1998, seu doutorado de 2003 a 2006 e seu pós-doutorado de 2015 a 2016.

É autora de textos, artigos e do livro Arte, História e Ensino: uma trajetória. Atuou como ilustradora de livros infantis e da revista do Concurso Nacional de Conto. Conquistou prêmios, com destaque para: VIII Mostra do Desenho Brasileiro; II Salão de Arte Religiosa PUC-PR; 47º Salão Paranaense; X Mostra de Gravura – Cidade de Curitiba; e 1ª Mostra Nacional de Gravura de São José

dos Campos (SPD MAC-PR).

Como artista, Osinski, por meio de sua poética, explora a representação de ícones, objetos, brinquedos e signos que são atribuídos sentidos e significados ambíguos, dúbios, irônicos e até mesmo hilários, no sentido de que são associados no imaginário social e cultural de um povo, deste modo seus trabalhos ganham pulsão da vida na interação de público com a obra.

BRINQUEDOS

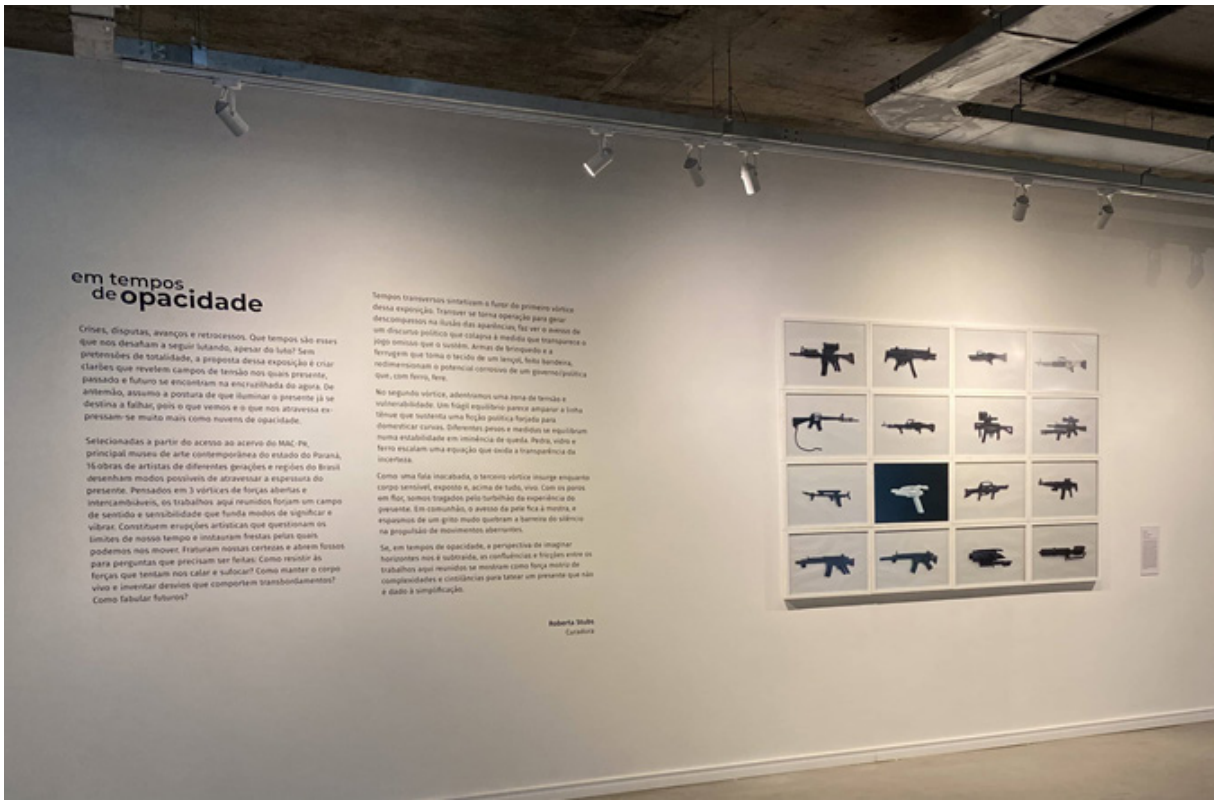
“Poucas são as coisas não decepcionantes a
primeira vez que as vemos, porque a primeira vez é a vez
da inexperiência”
Gilles Deleuze (2010)

Sobre seu trabalho Catálogo - Brinquedos, de 2002, uma Instalação com fotografia realizada pelo Projeto Faxinal das Artes e atualmente pertencente à coleção do MAC, a artista diz:

> “Como mãe de dois meninos pequenos, lá pelo início dos anos 2000 deparei-me, em minha própria casa, com objetos minúsculos, acessórios de bonecos-heróis com os quais eles brincavam. Eram batmans, super-homens, homens-aranha, ninjas e tantos outros, mas junto com eles sempre vinham armas de todos os tipos: pequenos revólveres, pistolas, metralhadoras, machados, clavas. Realistas, inventadas, siderais ou cibernéticas. No mundo adulto, armas são objetos carregados de duplo sentido, vetores de violência e morte, mesmo assim cultuados, colecionados, desejados, sob o pretexto de proporcionarem proteção. Tratando-se de brinquedos, tais objetos adquirem ainda outra camada de significado, tendo em vista que muitas vezes são assim tratadas as armas verdadeiras por muitos adultos. Por outro lado, o fascínio com tais objetos de destruição é transposto para o mundo infantil, e malgrado toda vigilância por parte de pais zelosos, eles triunfam e se infiltram nos lares, sendo construídos pelas próprias crianças com brinquedos de montar ou aparecendo na forma de peças acompanhantes de outros brinquedos. Passei a recolher essas pequenas armas e colecioná-las, e num primeiro momento as fotografei sobre fundo branco ou preto. O efeito foi impressionante, pois ampliadas, pareciam verdadeiras, embora causassem certo estranhamento por certos detalhes de acabamento” Dulce Osinski, 2021.

Como apontado por Osinski, o encontro com os objetos pela sua casa, a fez refletir o duplo sentido daquele poder significativo que atravessavam a subjetividade de seus filhos e moldavam, de certo modo, o tempo dos mesmos. Que tempo estariam esses objetos circunscrevendo num mundo infantil? Afinal, para os adultos, tais materialidades servem para ferir, matar, proteger, caçar, são armas sempre em flerte com o poder, com o domínio, com demarcações de uma territorialidade máscula.

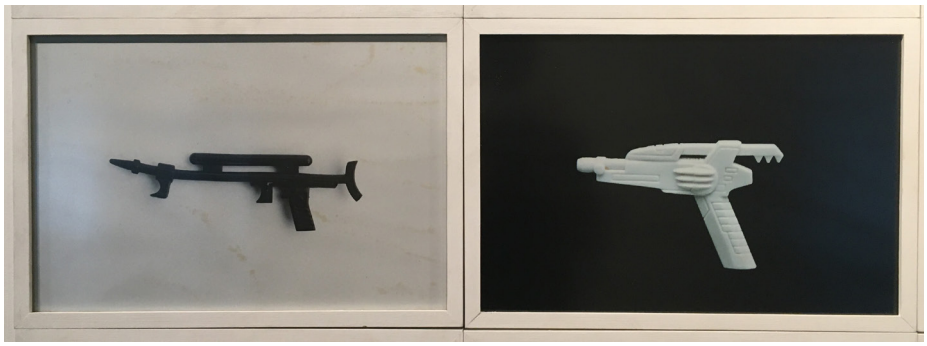
Porque Roberta Stubs alinha a obra de Osinski em tempos de opacidades? Nosso olhar é direcionado para quais situações cotidianas? Tem como brincar de morte? É possível sonhar e ilustrar, em uma superfície branca, como fez a artista, os tempos transversos que insinuam e detalham, minuciosamente, o



nosso olhar para aquilo que nos escapa? O poder, pode, por meio da inocência romantizada da ludicidade infantil, capturar nossa subjetividade e criar um corpo para habitar a violência no mundo?

> o poder "[...] não opera necessariamente através da violência e da repressão quando se dirige aos corpos. Ou melhor, a violência exprime o efeito de uma força sobre qualquer coisa, objeto ou ser" Gilles Deleuze, 2013.

Arte e política, arte é também sobre política. Essa é uma premissa inconfundível no trabalho de Dulce Osinski quando observarmos as relações e vetores de morte que Catálogo – Brinquedos (2002), um símbolo forte da masculinidade tóxica e estereotipada, sobrevivente das ações discursivas, performatizadas e defendidas em nossa atual sociedade, sobretudo pelos homens que ocupam os espaços e lugares de poder, transcendem frente ao nossos olhos, atravessam nossas retinas e nos fazem memorizar o arsenal, não somente bélico, mas imerso numa rede de poder violenta e deturpada que transformam mentes e corpos, deixando-os moldados à maneira como devem, certas pessoas, se portarem diante de todas.



Detalhe: Dulce Osinski, Catálogo - Brinquedos, 2002.

É em Catálogo – Brinquedos (2002), de matar e brincar, de proteger e agredir, que a extensão falocêntrica do poder se dimensiona. São brinquedos de quem? Para quem? E para o que exatamente? Brinca-se com a morte? Com a proteção? Com o poder de quem tem o direito de que?

ATIVIDADE PROPOSTA

Dulce Osinski tem um histórico impressionante na pintura, nas experimentações materiais e na forma como conduz nosso olhar para os objetos cotidianos (ou não). Ao revisitar as imersões poéticas da artista, trazemos aqui a proposta de criar, juntamente com professoras, uma Assemblagem.

Para modos de contextualização, a assemblagem, trazida por Jean Dubuffet (1953), é uma prática de arte que consiste na colagem de objetos e materiais tridimensionais. Tal prática é incorporada na produção artística, na qual elementos se expandem em um conjunto maior dando sentido a ideia de uma pintura, desenho, rasura com inserções tridimensionais. Ao ultrapassar as limitações da superfície, a assemblagem rompe alguns limites tradicionais de técnicas, criando assim, uma junção de pintura/desenho com escultura.

O que propomos é que, pessoas participantes da ação tragam elementos visuais como brinquedos, recortes de revistas, tecidos, papéis coloridos, tecidos, lantejoulas, enfim, na infinidade de objetos que acumulam, e produzam, em sintonia com o debate proposto pela obra Catálogo – Brinquedos (2002), uma assemblagem com narrativas de suas próprias demandas subjetivas e/ou coletivas. Sugere-se que, após o término das atividades, os trabalhos sejam compartilhados e o grupo possa, em conjunto, conversar sobre as reverberações que os tempos transversos trouxeram à tona.

VÓRTICE II:
FRÁGIL EQUILÍBRIO

Em frágil equilíbrio, umas das vórtices da exposição, a curadora selecionou 04 obras, sendo as artistas: Marcos Chaves (2002), Túlio Brasília Pinto (1974), Eduardo Luiz de Freitas (1990) e Bruno Moreschi (1982).

As obras apresentam, além das diversas materialidades, a ideia de fragilidade social, ética, estética e política na qual vivenciamos. Estando sempre em um lugar instável, o equilíbrio se torna uma necessidade em tempos de opacidades, mas como tudo que está em uma (des) harmonia, qualquer dispositivo que pende para um lado pode desmoronar tudo, levar todas para o desequilíbrio.

As obras da vórtice “frágil equilíbrio” atravessam várias discussões desde o corpo, os silenciamentos, a disciplina, o adestramento entre outros conceitos que nascem das conversações propostas pela curadoria. Para ativar tal vórtice,

selecionamos a obra “Aparato para domesticar curvas” (2016) de Eduardo Freitas.

SOBRE A ARTISTA DOS TEMPOS TRANSVERSOS

Eduardo Freitas nasceu em Ponta Grossa, no Paraná, em 1990, foi criado em Castro, cidade vizinha. O artista é também professor, tendo se destacado em inúmeros Salões de Artes, acumulando, deste modo, o título de destaque na região dos Campos Gerais. Atualmente Eduardo Freitas encontra-se em fase de estudos na Europa. Em 2019 participou da Residência artística / Centro Unesco para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial - Beja. No ano de 2018 o artista ganhou a Bolsa “Tradição e Contemporaneidade”, sendo o projeto vencedor para a residência artística nas Oficinas do Convento, Montemor-o-Novo - Portugal.

As materialidades e poética do artista concentra-se, principalmente, no campo da escultura, na experimentação de materiais como argila, resina, madeira, vidro, entre outros.

APARATO PARA DOMESTICAR CURVAS

> “O aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente. Um ponto central seria ao mesmo tempo fonte de luz que iluminasse todas as coisas, e lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido: olho perfeito a que nada escapa e centro em direção ao qual todos os olhares convergem “ Michel Foucault, 1999.

No 5º Salão Nacional de Cerâmica, realizado no ano de 2016, evento promovido pelo Museu Alfredo Andersen, que ocorreu no MAC Paraná daquele ano, o artista Eduardo Freitas teceu comentários sobre a obra “Aparato para domesticar curvas”, direcionando, num primeiro momento, seu olhar para a materialidade do objeto, a argila e o modo como ela é maleável e instável na sua manipulação. A mesma possuí memórias e está diretamente ligada ao cotidiano das pessoas, da casa, do lar, da história.

> “Gosto do estado transitório da argila e barbotina devido seus diferentes níveis de resistência, que varia do líquido ao pastoso, macio e rígido, reagindo de maneira semelhante às matérias empregadas por Carvalhosa. A argila é capaz de compreender aspectos da memória, aquelas inerentes à sua própria natureza histórica e cultural, e outro de registrar e memorizar a aparência dos objetos e cenas do mundo” Eduardo Freitas, s/d.

Neste lugar da reflexão do uso do material, o artista torna-se um investigador de objetos com pertencimento outro, de diferentes lugares como o lar (a casa) e o ambiente de trabalho. A ideia de pensar o espaço de trabalho está diretamente ligado aos canteiros de obras, construções, as ferramentas deste lugar e a relação desses materiais com os de seu ateliê, “sente que a construção de uma casa está intimamente ligada ao espaço do trabalho no seu processo de criação”.

> “Inicialmente, o canteiro de obras é um espaço de trabalho que lentamente vai sendo convertido até virar o espaço da

casa. Não há o momento exato onde o canteiro de obras torna-se casa, elas são sempre parte do mesmo lugar. O que muda é a modo como nos relacionamos e vivenciamos esses espaços. Talvez, o único momento que pontue uma divisão, ainda que com pouca precisão, seja o momento em que começamos a habitar a casa e iniciamos as relações afetivas em seu interior. É fácil notar que a cerâmica habita as casas e participa da rotina das pessoas. Ela se senta à mesa na forma de pratos e xícaras e acompanha as refeições, reveste as paredes e pisos protegendo o interior e adornando as superfícies" Eduardo Freitas, s/d.

Foi a partir dessa constatação que o artista elegeu a cerâmica como material recorrente em seus trabalhos.

> “Em ‘Aparato para domesticar curvas’, a referência da casa é indicada pela almofada. Para iniciar a confecção dessa peça, utilizou-se tecidos estampados que foram costurados à mão, buscando agregar esse procedimento que é inerente às atividades domésticas. Na primeira leitura do título podemos interpretar que o grosseiro vergalhão de ferro é domesticado pela almofada, desenhando uma elegante curva no espaço. Ao buscarmos no dicionário o sentido da palavra “domesticar” encontramos a seguinte definição: submeter ao controle. Nesse sentido, a domesticação também ocorre com a própria natureza da cerâmica, que se molda após uma árdua batalha técnica entre o artista e a barbotina, adquirindo aspecto muito semelhante a uma almofada real. Através de materiais arraigados ao fazer artístico, muito vistos e explorados, o artista procura apresentá-los em condições insólitas que possam demonstrar a fraqueza da visão. Nessa tentativa, a representação verossímil é o artifício empregado para confundir o olhar pragmático do espectador. A imagem de tensão gerada pela almofada e o vergalhão de ferro é a mesma impressão de contraste que temos sobre o espaço da casa e do trabalho. Mas, olhando mais atentamente, lembramos que esse mesmo tipo de vergalhão, elemento do trabalho e do canteiro de obras, também mora no interior das paredes das casas” Eduardo Freitas, s/d.

Para além dos estudos das materialidades, do objeto em si, na vórtice frágil equilibrio, apresentado na exposição “em tempos de opacidades”, o “Aparato para domesticar curvas” vai muito além da sua forma, seu modus operandi dialoga com as urgências atuais, com aquilo que domestica as mentes, os corpos, os pensamentos, algo que está mais para o adestramento das pessoas. Talvez, possamos alimentar ainda mais essa obra com nossas demandas subjetivas e coletivas, e este é o proposito educativo que sugerimos abaixo.

ATIVIDADE PROPOSTA

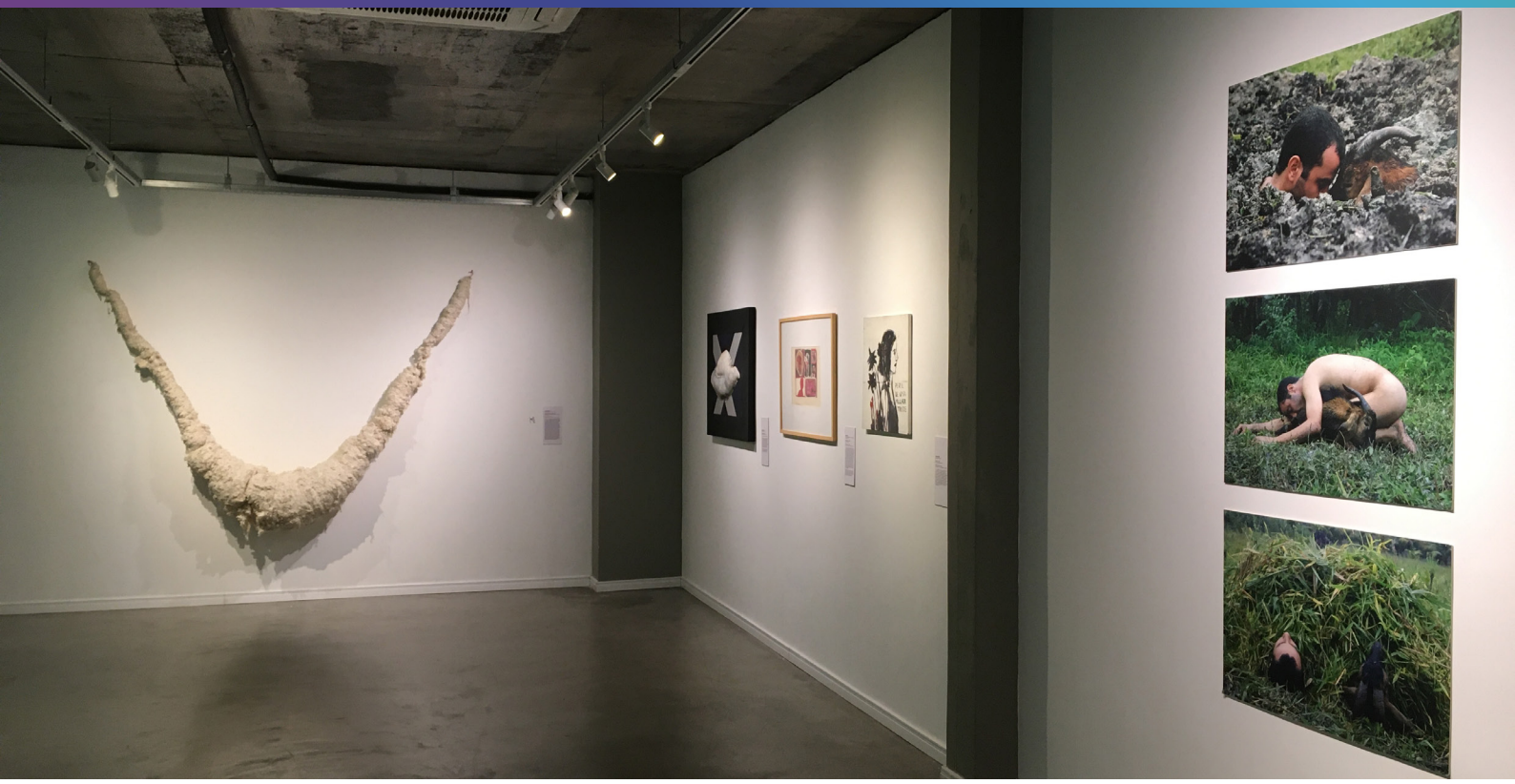
Para a ativação da obra “Aparato para domesticar curvas”, as pessoas devem levar para a oficina pratica: retalhos de tecidos e objetos como meias, blusas, bojos, balão, almofadas...devem também ser avisadas antecipadamente para irem vestidas com uma roupa toda preta, branca, cinza ou de uma cor apenas. Outro material necessário é uma câmera fotográfica ou uma câmera de celular que faça boas imagens fotograficas.

A atividade se firmará na linguagem da Fotoperformance, ou seja, uma prática artística híbrida na qual a performance é concebida exclusivamente para ser apresentada em fotografia. As participantes devem, a partir dos retalhos de tecidos e objetos levados para a oficina, montar sobre seus corpos

(como se fizessem um enchimento embaixo de suas roupas) um outro corpo, domesticando, deste modo, as curvas naturais que formam sua anatomia.

Após montarem e domesticarem novas formas por debaixo das roupas que estão vestindo, devem realizar fotografias mostrando, assim como na almofada de Eduardo Freitas, quais foram as curvas formadas pelos enchimentos. Aconselha-se escolher um ambiente com luz, fundo, texturas e elementos que ajudem na visualização do material fotográfico depois, bem como pensar, durante a elaboração das imagens, como este novo corpo deve ser apresentado, mostrado e pensado.

VÓRTICE III:
FALA INACABADA



Em fala inacabada, umas das vórtices da exposição, a curadora selecionou 07 obras, sendo as artistas: Elida Tessler (2002), Vânia Mignone (1998), Rodrigo Braga (2006), Ivens de Jesus Fontoura (1975), Marcello Nitsche (1973), Almicar Castro (1997) e Antonio Dias (1963).

As obras, assim como as de outras vórtices, apresentam, além das diversas materialidades, a ideia de uma fala inacabada, de algo que ficou e se tem muito a dizer ou que ainda está sendo dito, algo inspirado, tanto pela obra de Elida Tessler quanto de outras artistas que trazem em sua poética uma língua que começou uma dicção e permanece falando, causando ruídos e reverberações nos espaços.

Com quem se fala? Sobre o que se fala? Com quais corpos estamos comungando quando estamos conversando? O ato de conversar é literalmente

emitir sons? Podemos conversar de outros modos que não usando a língua? Ou podemos usar a língua para falar sem emitir sons? O que estamos falando agora? O que estamos expressando? Nossos sonhos, delírios, nuances, gestos, estão costurados ou estão sendo evaporados em nossa fala? O sistema quer que falamos?

Trazemos aqui, entre tantas artistas que falam, Rodrigo Braga e sua obra Comunhão I, II, III, de 2006, exposta no 62º Salão Paranaense.

SOBRE O ARTISTA DE FALA INACABADA

Rodrigo Braga nasceu em Manaus em 1976, ainda na infância mudou-se para Recife, onde graduou-se em Artes Plásticas pela UFPE (2002). Atualmente vive entre Paris e Arles, França.

Trabalhando com ações performáticas ou construções manuais diretamente em paisagens naturais ou mesmo encontrando seu interesse em torno da natureza em espaços urbanos, seu corpo intervém no entorno ou, algumas vezes, também é parte das imagens. Relações existenciais e conflitivas entre o homem e seu meio são assuntos de sua produção. Interessa-se por elementos materiais e seus amplos significados simbólicos, abordando a ética difícil entre a humanidade e suas formas controversas de criar sistemas de extração, modificação e indução da natureza.

Expondo desde 1999, em 2012 participou da 30ª Bienal Internacional de

São Paulo; um ano depois exibe a obra Tônus no Cinema do MoMA PS1 em Nova York, em 2016 realizou individual no Palais de Tokyo, Paris. Recebeu alguns dos maiores prêmios para arte contemporânea do Brasil, a exemplo do Prêmio PIPA 2012 e do Prêmio MASP Talento Emergente 2013. Possui obras em acervos particulares e institucionais no Brasil e no exterior, como MAM-SP, MAM-RJ e Maison Européenne de La Photographie - Paris.

COMUNHÃO I, II E III

Sobre sua obra Comunhão I, II e III, o artista comenta:

> “O bode é um animal bastante simbólico para diversas culturas ao redor do mundo e ao longo da história; da mitologia grega à religiosidade africana, passando também valor central na cultura do homem do campo no nordeste do Brasil — a convivência dos seres capazes de habitarem a região apesar das adversidades naturais. E foi justamente na zona da mata pernambucana que tive acesso a um bode robusto, mas que acabara de ser sacrificado num abatedouro local. A comunhão proposta pelo título assume um tom mais complexo quando se sabe que o corpo a corpo é travado entre um animal vivo e um outro inanimado. O respeito e o carinho fusional de contornos quase espirituais denotados à primeira vista podem, na verdade, dar lugar a leituras ambíguas que trazem para as cenas deste tríptico certa ironia. Para além do ar lírico há também algo que nos incomoda. Quem sabe uma hierarquia sutil (imposta do vivo para o morto?) ou talvez seja a lembrança de certa violência intrínseca às relações humanas com o seu meio e os outros seres vivos, quando a morte e o consumo de outros corpos são características e uma das marcas do nosso tempo” Rodrigo Braga, 2021.

Ao analisarmos a fala do artista, observamos o modo como o mesmo interage e comunga com corpos distintos, o animal (no caso da obra). O vivente humano com o vivente não-humano compartilham de uma relação física, mas também metafísica, ao olharmos, como o artista pontua, pra relação de poder do vivo para o morte, da racionalidade humana para uma outra que distingue da sua.

Ao abraçar e vestir a pele do animal morto, da carcaça, daquilo que servirá (possivelmente) como alimento para um grupo de pessoas, o artista comunga a imensa relação que temos com as coisas do mundo, inertes ou não, vivas ou não, racionais ou não. Trata-se, portanto, de assumir uma relação dialógica, de comunhão, estar num mesmo lugar, para um mesmo sentido ou troca na qual ambos fornecem signos para pensarmos os tempos de opacidade na vórtice de uma fala inacabada, mas habitada.

ATIVIDADE PROPOSTA

Como atividade proposta para a obra Comunhão I, II e III (2016), sugerimos que o grupo de pessoas participantes da oficina acesse a praça central (em frente ao CAC), os espaços de atividades nos andares superiores, ou até mesmo a sala de exposição, e coloquem seus corpos em interação, assim como fez o artista com o bode, com as próprias pessoas do grupo, ou com objetos, árvores, plantas. Essa ação, num primeiro momento é para que se crie um diálogo entre pessoa e pessoa/pessoa – objeto e/ou pessoa – natureza.

A professora executora da atividade deve orientar as participantes para que pensem bem antes de escolher e se relacionar com a materialidade escolhida, visto que é necessário pensar a relação de comunhão que se visa construir com tal artefato ou corpo. A ação em si pode ser fotografada em uma série de três imagens que tragam na sua narrativa essa fabulação de comunhão, relação. As imagens devem ser pensadas na hora de serem tiradas, visando sempre observar os fatores estéticos como iluminação, elementos visuais que aparecem, entre outros.

FICHA TÉCNICA - EM TEMPOS DE OPACIDADE:

Realização: Prefeito Ulisses Maia
Coordenação de projeto e produção: SEMUC

Artistas: Antonio Dias, Amilcar de Castro, Bruno Moreschi, Carlos Zílio, Cleverson Salvaro, Dulce Osinski, Eduardo Freitas, Eliane Prolik, Elida Tessler, Guita Soifer, Ivens Fontoura, Marcello Nitsche, Marcos Chaves, Rodrigo Braga, Túlio Pinto e Vânia Mignone.
Obras: acervo Museu de Arte Contemporânea do Paraná - MAC-Paraná
Texto e Curadoria: Roberta Stubs
Assistente de curadoria: Gustavo Barrionuevo
Coordenação de ações formativas e mediação: Maddox Cleber
Mediadores: Adrieli Storini, Alanis Okuzono, Auguste Montini, Jaqueline Nascimento, Kelly Salgado e Rodrigo Nóbile

Agradecemos Ana Rocha, diretora do MAC-Paraná, por disponibilizar o acervo do museu e, também, a toda sua equipe. Agradecemos ao secretário Victor Simião e a todas as pessoas da Secretária Municipal de Cultura de Maringá (SEMUC) que trabalharam nesse projeto. Agradecimentos, também, aos funcionários e colaboradores do Centro de Ação Cultural (CAC), à Diretoria de Cultura da UEM e ao DOBRA - Grupo de Pesquisa em Arte, Subjetividade, Educação e Diferença da Universidade Estadual de Maringá.

A exposição **Em Tempos de Opacidade** integra as atividades do III Seminário Maringaense de Arte Contemporânea, realizado pela Secretaria Municipal de Cultura de Maringá, em parceria com o MAC-PR e com a UEM.

MARINGÁ PREFEITURA CULTURA

mac MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ

UEM Universidade Estadual de Maringá

dObra